Ministério da Educação

Código 161380

**AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DA ZONA URBANA DA FIGUEIRA DA FOZ**

**ESCOLA DO ENSINO BÁSICO DO 2º E 3º CICLOS DR. JOÃO DE BARROS**

Para:
Inspecção Geral da Educação
Direcção Regional Centro da IGE
Av. Bissaya Barreto, nº 267
3000 – 076 Coimbra

| Sua Referência: | Sua Comunicação | Nossa Referência | Data |
|---|---|---|---|
| | | 1.8. 17.MAR2010★ 0409 | |

ASSUNTO: **Envio do Contraditório ao Relatório de Avaliação Externa das Escolas.**

Relativamente ao assunto em epígrafe, cumpre-nos informar V. Ex.as que enviamos, em anexo, o respectivo Contraditório ao Relatório de Avaliação Externa do Agrupamento de Escolas da Zona Urbana da Figueira da Foz, realizado pela equipa inspectiva da Delegação Regional do Centro da IGE, nos dias 11, 12 e 13 de Janeiro de 2010.

Com os melhores cumprimentos,

O Director

*Lic. Adelino Mário Graça Matos*

*BM/SR*

Min / Dact.

Av. Dr. Manuel Gaspar de Lemos, 29 - 3080-184 FIGUEIRA DA FOZ E-mail: ce@eb23-dr-joao-barros.rcts
Telf.: 233 401 620 (Geral) - 233 401 623 (Secretaria) - Fax: 233 420 116 (C.º Exec.º) - 233 401 627 (Secretaria)

# *Contraditório ao relatório da IGE Janeiro 2010*

Conscientes da importância da avaliação para a Escola, analisámos cuidadosamente o relatório feito pela equipa inspectiva e concluímos que, apesar de toda a nossa colaboração – confirmada no próprio relatório – alguns aspectos que consideramos de muita importância para o Agrupamento, e que passamos a listar, não foram devidamente esclarecidos.

## *Resultados e Prestação do serviço educativo*

Tal como referido no presente relatório da IGE «a confiança na avaliação dos alunos constitui uma área nuclear na acção do Agrupamento», por esse motivo analisamos de forma sistemática os resultados escolares, comparamo-los com os nacionais e desencadeamos as acções adequadas para colmatar carências e dificuldades de aprendizagem.

Tal procedimento foi seguido, também, em relação aos alunos do 3º ciclo com a disponibilização de actividades de reforço da aprendizagem, frequência da Sala de Estudo, encaminhamento para Clubes relacionados com as áreas em que foram detectadas lacunas e implementação de estratégias diferenciadas no seio da turma. Não podemos considerar o procedimento seguido de «reduzida eficácia» uma vez que se traduziram em taxas de transição no final do ciclo (9º ano) de 100% e os resultados em exames nacionais superiores à média nacional (na disciplina de Língua Portuguesa a média nacional foi de 71,6% e a do AEZUFF de 81,09%; na disciplina de Matemática, a média nacional foi de 66,0% e a do nosso Agrupamento foi de 81,09%).

No que respeita a apreciação de que existe «Insuficiente aproveitamento da formação recebida por alguns docentes do 1.º ciclo em Ensino Experimental das Ciências, que não fomenta o desenvolvimento do trabalho experimental em sala de aula», afigura-se-nos que deve ter sido colhido um exemplo que não corresponde à prática global do Agrupamento.

Na realidade, nos anos lectivos transactos, desenvolveram-se no Agrupamento acções de formação para professores do 1º ciclo, no âmbito do plano nacional, em Português, Matemática e Ciências Experimentais. Estas acções reflectiram-se no

trabalho desenvolvido pelos docentes, conforme documentam os seus PCT e as diversas actividades levadas a cabo e que envolvem, por vezes, toda a escola.

Estamos contudo cientes que cada professor só terá frequentado uma dessas acções e que, no presente ano, muitos docentes vieram de outros agrupamentos nos quais poderão não ter tido a oportunidade de as frequentar.

## *Capacidade de auto-regulação e melhoria do Agrupamento*

No AEZUFF existe, desde sempre, uma prática sistemática e coerente de avaliação de resultados escolares, com acções consequentes, visando a sua melhoria e a resolução de diversos constrangimentos. Na realidade, todos os aspectos da vida do Agrupamento são objecto de uma avaliação regular que constitui o ponto de partida para desencadear as estratégias julgadas adequadas para melhorar pontos fracos ou encorajar as boas práticas.

A equipa de auto-avaliação do Agrupamento, que entrou em funções no início do presente ano lectivo, propôs-se levar a cabo, neste ano lectivo, uma auto-avaliação global do Agrupamento de acordo com o modelo CAF e recolher, no seu primeiro inquérito, elementos que contribuíssem para a apresentação à equipa da IGE e, embora tenha tido que agilizar processos, nunca descurou a seriedade e fiabilidade pretendidas.

Deste modo, foram criadas plenas condições por parte do Director para a execução desta tarefa, conjugando os horários dos diferentes elementos de forma a existirem tempos comuns de trabalho e disponibilizando o espaço, os recursos e o material necessários para a levar a cabo.

A equipa delineou, na primeira reunião, a calendarização das suas acções e do desenvolvimento do seu trabalho de que constavam, no primeiro período, o lançamento do inquérito e a preparação dos elementos necessários e requeridos pela IGE para a sua visita inspectiva (foram incorporados, no texto de apresentação à IGE, dados relativos a encarregados de educação e alunos, tendo como suporte informações colhidas num primeiro relatório de análise do inquérito).

Pudemos, ainda, constatar, e disso demos conta à equipa da IGE que nos visitou, que nas respostas ao inquérito dadas pelo Pessoal Docente, Alunos e Encarregados de Educação não havia pontos fracos e que tínhamos considerado que as questões em que mais de 30% dos inquiridos responderam no intervalo entre 0 a 2 e "Não sabe" se referiam a um aspecto a melhorar, enquanto que as questões em que mais de 70% dos inquiridos responderam num intervalo entre 3 a 5, se referiam a um ponto forte. Informámos, também, que o indicador com pontuação mais baixa no questionário do

Pessoal Não Docente, relativo à necessidade de acções de formação já tinha tido resposta com acções de formação dentro do próprio Agrupamento, algumas das quais, neste momento, já decorreram.

Assim, foi com estranheza que vimos rotulado como não estando «bem estruturado» um processo que estávamos a desenvolver de forma séria e coerente, mas apenas há escassos meses. De igual modo, pareceu-nos precipitado concluir que «o tratamento dos dados está a colocar problemas de interpretação», quando, efectivamente à data da visita inspectiva, nos tínhamos limitado a coligi-los e organizá-los para posterior tratamento de acordo com o cronograma do início do ano.

Na realidade, hoje, e tal como nos propusemos na planificação do nosso trabalho, está concluído o tratamento dos dados, foi elaborado o relatório e apresentado ao Conselho Pedagógico e, posteriormente, nos diferentes Departamentos. Deste relatório constam ainda as medidas tomadas para concluir o processo de auto-avaliação, no presente ano, e as que serão tidas em conta no próximo.

No que diz respeito à «orientação de estratégias quanto a acções futuras» tendentes a melhorar indicadores, só agora, quando o estudo está concluído, pode ser feita essa orientação.

Estamos, pois, conscientes que, além do processo estar devidamente estruturado, há, como sempre houve, capacidade de resposta e orientação estratégica no que diz respeito a acções futuras tanto quanto à «capacidade de auto-regulação e melhoria» em si, como no que concerne outros aspectos do Agrupamento. De igual forma, não existem, nem nunca existiram «problemas de interpretação de dados» nem tão pouco «problema de validação de algumas respostas».

Encaramos o relatório da IGE, no que respeita a este ponto, como o registo de um momento precoce neste processo.

Consideramos ainda que no que respeita a este domínio, Capacidade de auto-regulação e melhoria do Agrupamento, superámos o equilíbrio entre pontos fortes e fracos. A nossa acção, além de positiva, é explícita, sistemática e envolve toda a comunidade educativa de forma consistente, aperfeiçoando-se ao longo do tempo, o que se reflecte na melhoria de resultados dos alunos e na imagem que o Agrupamento tem na comunidade em que se insere.

Figueira da Foz, 17 de Março de 2010

O Director

*Lic. Adelino Mário Graça Matos*